

Os Novos Desafios das Ciências Sociais no Desenvolvimento Contemporâneo

Carlota Pessoa Vaz

Socióloga, Mestre em Família e Sistemas Sociais, Professora da cadeira de Introdução ao Pensamento Contemporâneo, no curso de Direito, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Dedico este trabalho com profunda saudade, admiração e gratidão, à Memória de meu Pai, Professor Doutor Alexandre Mário Pessoa Vaz.

RESUMO

Este texto analisa a evolução do pensamento ao longo da história, desde o início da idade moderna séculos (XVI-XVII) até aos nossos dias.

Neste período da história do pensamento foram considerados dois períodos distintos. O primeiro, intitulado "A Revolução do Pensamento Moderno", decorre desde o século XVI até ao século XIX e o segundo, intitulado "As Ciências Sociais e o Método Científico", vai desde o século XIX até hoje.

Procurámos ainda, ao desenvolver esta análise, articular a evolução do pensamento, com as ciências, quer sejam as ciências naturais, quer as ciências sociais.

ABSTRACT

This paper thinking evolution through history is analysed, since the beginning of modern age century (XVI-XVII) until present days.

Two distinct periods are considered, in this period of thinking history. The first one, called "The Revolution of the Modern Thinking" from century (XVI-XIX), and the last one, called "Social Sciences and Scientific Method, since century XIX until today.

The idea of the relation between theories and concepts, defended by authors, about science and societies development, was major task of this paper.

PANORAMA HISTÓRICO EVOLUTIVO DO PENSAMENTO

1. A Revolução do Pensamento Moderno.

Se nos parece consensual a ideia de que a reflexão é uma das tarefas básicas do pensamento e da filosofia, por vezes, as respostas suscitadas pelos problemas e inquietações inerentes a essa atitude reflexiva, nem sempre são de fácil resolução, dependendo frequentemente dos juízos de valor de cada autor e de vários factores tais como: a ideologia; a política; e a cultura específica de cada sociedade em determinados períodos da história.

As sociedades contemporâneas apresentam novos processos, em vários domínios, bem como o alcance espacial desses processos são a uma escala mundial ou global.

A análise dos processos de mudança social revelam actualmente uma grande complexidade, comparativamente a épocas precedentes.

O papel das ciências sociais, nomeadamente da sociologia é por isso de grande, senão fundamental importância, para a compreensão da vida do homem moderno. Neste âmbito, procuraremos analisar alguns conceitos e teorias que nos permitem um olhar, com um sentido próprio sobre o social.

A realidade social é multifacetada no sentido de que contem vários aspectos a saber, o económico, o ambiental, o político, o comunicacional etc,

No pensamento contemporâneo podemos incluir um grande número de autores, de várias áreas do conhecimento. As suas análises, sendo particularizadas têm várias designações, tais como: os "Paradigmas" (Kuhn); Os "Epistemas" (Foucault); os "Horizontes Inultrapassáveis" (J. P. Sartre); os "Grandes Universos" (Prado Coelho) que constituem exemplos, num conjunto vasto e diversificado de referências bibliográficas que nos permitem uma leitura actualizada.

Desde sempre o ser humano procurou compreender o mundo que o rodeia, bem como um sentido para a sua existência. Muitos poetas e filósofos da antiguidade, tentaram formular explicações para os fenómenos da sociedade.

Sentido a necessidade de agir, no dia a dia, de sobreviver e enfrentar os obstáculos que surgiam, o ser humano utilizou o pensamento filosófico. Alguns pensadores da antiguidade, tais como: Sócrates; Platão; e Aristóteles são exemplos notáveis nesse sentido.¹

Posteriormente, na idade média, a cultura e o pensamento na Europa desenvolveram-se através da *escolástica*, designação geral do pensamento filosófico e teológico cultivado e desenvolvido nas escolas medievais do Ocidente latino, desde o século VI ao século XIV.

No final da Idade Média (séculos XIV-XV) surgiu uma época considerada de transição, até ao século XVIII, onde a corrente do *Humanismo* teve uma expressão significativa. Com as especulações teológicas e matemáticas de Nicolau de Cusa e, a ideia de que "o finito pode exprimir o infinito", a condição humana aparece, pouco a pouco, sob uma nova luz e segundo várias expressões, consoante os países europeus onde o Humanismo, como corrente de pensamento foi mais representativo, em Itália, na Alemanha e em França.

O Humanismo, o Renascimento e a Reforma são aspectos inseparáveis de uma nova atitude, em que o homem pensa sobre si mesmo e no mundo que o rodeia.

Durante esse período da História do Pensamento e, particularmente no domínio da filosofia, permaneceu na maior parte dos pensadores, uma dualidade de explicação entre Deus e o Homem. No entanto, a tendência que se consolidou nos séculos seguintes, foi a elaboração de explicações, onde o homem ocupa um papel central, assumindo as suas responsabilidades em diversos domínios, bem como, afirmando uma maior liberdade de juízo relativamente independente dos domínios da fé.

São vários os pensadores que sustentaram este dualismo, entre a razão e a fé, em vários países como: Lourenço Valla (1405-1457) e Campanella (1508-1639) em Itália; Lutero (1483-1546) na Alemanha; e Montaigne (1533-1592) em França.²

Entre as figuras de maior prestígio deste movimento intelectual, artístico, filosófico e científico, entre os séculos XVI e XVIII na Europa salientamos:

Leonardo da Vinci (1452-1519), um artista italiano que foi considerado um génio em vários domínios. Na pintura foi notável, e na matemática, os seus conhecimentos foram aplicados em experiências e inventos de uma grande ousadia científica.

Copérnico (1473-1543) foi uma personalidade emblemática da história das ciências. Na observação dos astros formulou, pela primeira vez, a hipótese de que a Terra não era o centro do Universo, mas sim um planeta no meio de tantos outros, girando em volta do Sol.³

Kepler (1571-1630), no domínio da Cosmografia formulou as leis fundamentais do movimento dos planetas.

Galileu (1564-1642) foi um dos fundadores da mecânica moderna e um dos artífices da revolução científica do século XVII.⁴

Newton (1642-1727) cuja obra, segundo o matemático Lagrange escreverá " Só se descobre uma vez o sistema do mundo, mas a obra de Newton extravasa largamente este título

¹ SISSA, Giulia, 1993, *Filosofias do Género, Aristóteles e a diferença dos sexos*, in História das Mulheres, A Antiguidade, Porto, Ed. Afrontamento e Círculo de Leitores

² Heinemann, F., 1993, *A Filosofia no Século XX*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

³ Sistema do mundo *heliocêntrico* que assinala o nascimento do moderno conceito de Universo: todos os planetas giram em redor do Sol, descrevendo órbitas cujas dimensões são ínfimas quando comparadas com as distâncias às estrelas. In *Nova Enciclopédia Larousse*, vol 7, p.1975.

⁴ Desempenhou um papel fundamental na introdução da matemática, na explicação das leis físicas, em ruptura com a física qualitativa de Aristóteles e contribuiu para criar um estado de espírito, nomeadamente através de uma proclamação célebre em que declarava que o mundo era de natureza matemática. In *Nova Enciclopédia Larousse*, vol. 11, p. 3230.

de glória, pela sua contribuição capital para a fundação da ciência moderna".⁵

Durante o século XVII, os pressupostos filosóficos antigos e os da idade média, são substituídos por outros que, a par do progresso científico, revelaram uma mentalidade transformada. No entanto, os filósofos da antiguidade e da idade média não foram esquecidos, influenciando ainda o pensamento e a filosofia.

Neste contexto surgiram novas correntes de pensamento nesse século, entre as quais destacamos as seguintes: o *Cartesianismo*, representado por Descartes e Malebranche, em França e ainda Espinosa e Leibniz, nos Países Germânicos; o *Empirismo* de John Locke, em Inglaterra; o *Jansenismo* de Pascal, em França e ainda Jansênio, nos Países Germânicos; e o *Idealismo* de Berkeley, em Inglaterra.⁶

O *Cartesianismo* de Descartes, iniciou um novo método científico e uma nova filosofia. O método cartesiano abriu o caminho à ciência moderna e é ainda importante actualmente.⁷

No século XVII, Pascal e Malebranche utilizaram a expressão Ciências Humanas, por oposição às Ciências Divinas. As Ciências Humanas nascem com o Humanismo dos séculos XVI-XVII. No entanto, a designação que se aproxima desta, de Ciências Sociais, só surgiu nos séculos XVIII-XIX. Nesse sentido, temos o aparecimento da Economia, da Sociologia, da Antropologia, da História e da Psicologia.⁸

Alguns autores das Ciências Sociais e da Epistemologia contemporânea salientam, nas suas análises, a importância do desenvolvimento da ciência e do pensamento nos séculos XVII-XVIII, particularmente nas análises da *modernidade* e da *pós-*

modernidade.

No século das luzes (século XVIII), o ser humano desenvolveu extraordinariamente a razão, como faculdade de entendimento e de conhecimento. O valor supremo do discurso *Iluminista* ou *Filosofia da Ilustração* é a liberdade.

Na Filosofia do *Iluminismo* podemos salientar diversos autores e várias correntes de pensamento a saber: O *Enciclopédismo* com Diderot, D'Alembert e D'Holbach, e o *Sensualismo* de Condillac, em França; o *Criticismo* de I. Kant, nos países Germânicos; e o *Empirismo* de D. Hume, nos países Anglo-saxónicos.

Pensamos que algumas das condições referidas nas análises sociológicas de vários autores e particularmente do *paradigma da modernidade* encontram as suas raízes no século XVIII, entre as quais destacamos: novos empreendimentos económicos, como por exemplo a revolução industrial iniciada em Inglaterra; o desenvolvimento do comércio e da burguesia; novos modos de vida; e um novo questionamento sobre as liberdades individuais e colectivas.⁹

Na filosofia da Ilustração Francesa salientamos os contributos notáveis de Montesquieu, Voltaire e Rousseau, para uma filosofia do Estado e das Sociedades onde se valorizam os direitos humanos, quer sejam individuais, quer colectivos.¹⁰

O *Criticismo Kantiano*, sendo contemporâneo da Ilustração, reforça os princípios desta corrente de pensamento. Nas suas três obras, "Crítica da Razão Pura", "Crítica da Razão Prática" e "Crítica da Faculdade de Julgar", Kant procurou fazer uma "reflexão crítica" sobre a liberdade de opinião, sobre os limites e autonomia da razão (como faculdade humana do conhecimento) e ainda, sobre a ética. Segundo este autor, a

⁵ Newton, no domínio da óptica constrói o primeiro telescópio utilizável. No domínio da matemática aplica a matemática ao estudo dos fenómenos naturais, com realce para o estudo do movimento, e desenvolve vários trabalhos de cálculo diferencial, funções deriváveis e métodos infinitesimais. Expõe a teoria da atracção universal e a lei de que se deduzem as três leis de Kepler. Apresenta também as leis do choque e estuda o movimento dos fluidos. Graças às medições do astrónomo J. Picard (cerca de 1670) calcula a precessão dos equinócios e o achatamento terrestre. Enuncia a teoria das marés e estabelece a órbita dos cometas. A par dos desenvolvimentos científicos referidos efectua trabalhos de alquimia e escreve obras teológicas. Cf. *supra*, *idem*

⁶ *Dicionário Temático de Filosofia*, Larousse, 2002, Mem Martins, Ed. Circulo de leitores, p.198.

⁷ O Filósofo Descartes parte de uma *dúvida metódica* que põe em questão todas as coisas, a começar pela própria existência do mundo exterior, antes de estabelecer o fundamento inabalável, Deus, servindo-se primeiro da ideia de perfeição e, depois do argumento ontológico "Eu penso logo existo". O Método Cartesiano estabelece os princípios do método científico moderno: 1º- Repúdio das evidências - ao estabelecer ideias claras e distintas. Baseado nos hábitos da geometria conduzir a actividade da razão segundo certos critérios de eficácia e, através da dúvida procurar a certeza conduzida através da actividade da razão. 2º Redução da Complexidade dividir cada uma das dificuldades e examinar todas as parcelas quantas forem possíveis. 3º Ordenar os pensamentos

começando pelos objectos mais simples até aos mais complexos. 4º Fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais que nada se omita. In *Nova Enciclopédia Larousse*, 1996, vol. 8, Ed. Circulo de Leitores.

⁸ Embora se utilizem hoje as duas designações Ciências Humanas e Ciências Sociais quase em simultâneo, adoptámos aqui a expressão Ciências Sociais, no sentido em que o autor Armando Castro distingue "reflexões sobre o social" e "ciências sociais". Segundo este autor, as "reflexões sobre o social" precedem historicamente as "ciências sociais", não só na sociedade portuguesa, mas também de uma forma geral noutras sociedades, constituindo um saber pré-científico sobre a vida social. In Armando Castro, 1992, *O Lugar e o Papel das Ciências Sociais e Humanas*, na *«Modernização»*, na *«Integração Europeia»* e na *«Cooperação Africana»* de Portugal Contemporâneo, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas

⁹ A este respeito, o autor Anthony Giddens diz que o termo "modernidade" refere-se a modos de vida e de organização social que emergiram na Europa cerca do século XVII e que adquiriram subsequentemente, uma influência mais ou menos universal". Giddens, A., 1995, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.

¹⁰ Heinemann, F., 1993, *A Filosofia do Século XX*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

liberdade é um dos direitos sagrados da humanidade

Kant posicionou-se ainda criticamente em relação ao método científico que no seu entender elimina a filosofia. Por outro lado, a *gnoseologia* Kantiana é uma teoria do saber por construção. A revolução dita "copernicana" de Kant consiste, precisamente em substituir, o saber da percepção (no qual o conhecimento se regula pelo objecto), por um saber construtivo (no qual os objectos se regulam pelo conhecimento).

Kant viu, e bem que o saber em construção exigia um novo conceito de verdade «*verdade transcendental*». Encontrou essa verdade, na relação geral dos conceitos à experiência possível, em que repousa a verdade empírica.¹¹

Segundo Kant, o Direito define-se por um sistema de constrangimentos: toda a liberdade é limitada pelo exercício da liberdade do outro.

2 As Ciências Sociais e o Método Científico.

Os séculos XVIII e XIX marcam o início de uma nova era de direitos humanos, onde a liberdade e a igualdade entre os homens são valores que ganham uma aplicação efectiva no século XX em numerosas sociedades.

No final do século XVIII e durante o século XIX surgiu em França uma corrente de pensamento, o *Positivismo* de Auguste Comte (1798-1857). Nesse período da história do pensamento algumas condições influenciaram o pensamento deste autor, tais como: os ideais revolucionários de cariz mais ou menos messiânico; vivia-se uma euforia do «progresso», derivada da revolução industrial e das novas descobertas tecnológicas; e o nascimento da burguesia comercial e industrial.¹²

O pensamento de Comte marcou uma viragem ou ruptura epistemológica, com o pensamento filosófico vigente, onde a teoria do conhecimento e a ciência expressavam a ideia, segundo o qual há formas eternas de pensamento que são representadas por «categorias» ou «regras lógicas» que estão subjacentes a todas as comunicações interpessoais. Estas têm atravessado os séculos, quer sobre a forma oral, quer escrita e são, supostamente imutáveis constituindo padrões regulares presentes em todo o pensamento humano.

Esta distinção tradicional, feita pela filosofia clássica, acerca das formas de pensamento invariáveis é abordada pelo autor, em conformidade com a *Lei dos Três Estados*. Neste âmbito, defende que as formas pré-científicas do pensamento devem necessariamente ser transformadas em científicas. Os *três estados* são: o *estado teológico*; o *estado metafísico*; e o

estado positivo. Para explicar a evolução do pensamento através dos *três estados*, Auguste Comte fez referência à necessidade que o espírito humano teve ao longo da história, mas também desde a infância à idade adulta e de empregar sucessivamente um questionamento que emprega os três métodos de filosofar, cujo carácter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto.

Dáí, o surgimento de três espécies de filosofias ou sistemas gerais de concepções, sobre o conjunto dos fenómenos que se excluem mutuamente: o primeiro, o estado *teológico*, é o ponto de partida necessário da inteligência humana, em que o mundo e a humanidade foram explicados nos termos dos deuses e dos espíritos; o segundo, através de um estado *metafísico* transitório, em que as explanações estavam nos termos das essências, das causas finais e de outras abstrações; e o terceiro, o estado *positivo*, o seu estado fixo e definitivo, na época moderna, distinguindo-se dos anteriores, pela consciência das limitações do conhecimento humano.

Comte iniciou a transição de uma teoria filosófica do conhecimento e do pensamento, para uma teoria sociológica. Uma das suas preocupações foi descobrir as características do método científico, bem como a distinção entre o pensamento científico e o pré-científico.

Quanto ao método científico, aplicado à sociologia o autor defendeu a adopção do método da física, assim o *Positivismo* tem ainda as designações de *Filosofia Positiva* ou *Física Social*.

O *Paradigma Positivista* procurou pôr em causa certas instituições sociais como a Religião, a Família, e a Propriedade. Segundo esta teoria, os fenómenos sociais, são explicados pelas condições sociais, quer sejam económicas, quer democráticas.

Comte defendeu ainda, a ideia de que o pensamento estava articulado com o poder e, nesse sentido, classificou três tipos de sociedades: *sociedade militar*; *sociedade dos legistas*; e *sociedade industrial*.¹³ Dividiu a sociologia em dois campos principais: *Estática Social* ou o estudo das forças que mantêm unida a sociedade; e *Dinâmica Social* ou seja, o estudo das causas e mudanças sociais.

A principal contribuição deste autor e do positivismo, foi a adopção do método científico, na análise da organização política das sociedades industriais.¹⁴

Desenvolveu a ideia de uma "religião da humanidade". Nesse sentido, defendeu a criação de um sacerdócio secular que guiaria a sociedade, controlaria a instrução e a moralidade pública. No entanto, esta sua última ideia não teve aceitação e perdeu mesmo alguns dos seus apoiantes, não tendo obtido

¹¹ Cf. *supra*, *idem*

¹² Lima, A., 1987, *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Editorial Presença; e Rocher G., *Sociologia Geral, A Acção Social*, 1999, Lisboa, Editorial Presença

¹³ Cf. *supra*, *idem*

¹⁴ Na sua obra *Reorganizar a Sociedade*, 1990, Lisboa, Guimarães Editores, estabelece uma análise e um plano de trabalhos científicos necessários para a reorganização da sociedade do seu tempo.

concretização prática. Para este autor, os cientistas sociais são espíritos dotados de uma grande inteligência.

Sabemos que, em vários períodos da história do pensamento e da ciência, alguns cientistas tiveram que enfrentar diversas dificuldades na defesa das suas teorias, sobretudo quando estas explicações contrariavam as teorias e os modelos precedentes.

Na história do pensamento e da ciência, conforme fizemos referência, são vários os exemplos de “rupturas epistemológicas”, entre os quais salientamos: Copérnico; Newton; e Comte.

Para se afirmar como ciência social, a Sociologia teve ainda a contribuição fundamental de Emile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920).

Com Durkheim, a Sociologia conheceu um grande avanço, tendo-se definido um campo preciso de acção e estabelecido algumas regras metodológicas que o autor desenvolveu na obra “*As Regras do Método Sociológico*” (1895).

Max Weber, estabeleceu um novo rumo na análise dos fenómenos sociais, através de uma metodologia mais *compreensiva*, sendo considerada pelo autor, mais adequada ao estudo dos fenómenos humanos.

A *Sociologia Compreensiva* de Max Weber defendeu que o indivíduo é um agente de transformação da acção social e da situação em que se encontra.

A tradição filosófica que influenciou Max Weber, no seu método hermenêutico sofreu influências de Dilthey (1833-1911) e da Psicologia.¹⁵

Tendo ainda em consideração a análise e o desenvolvimento das ciências sociais, nos séculos XIX e XX e o importante contributo destas, para a compreensão do homem e das sociedades, fazemos ainda referência à Antropologia que através de um questionamento sobre as sociedades primitivas, nos deu a conhecer muitas comunidades desenvolvendo teorias inovadoras como a *análise estrutural* e a *análise funcional*.

A *análise estrutural*, inicialmente *desenvolvida* por Radcliffe-Brown, contrariou a tendência dos estudos de tradição fragmentária que analisavam as instituições das sociedades primitivas, por comparação, propondo novas noções e organizando a totalidade dos fenómenos sociais.

Esta teoria foi também aplicada pelo antropólogo Levi-Strauss que procurou evidenciar as «estruturas do homem universal», essencialmente inconscientes que podiam ser detectadas a partir de alguns aspectos presentes nas comuni-

dades, tais como: as regras de parentesco; os mitos; os rituais; as práticas culinárias; a arte; as ideologias políticas etc.¹⁶

“O *estruturalismo*, é um movimento difuso e complexo de ideias que se desenvolveu nas ciências sociais, sobretudo a partir dos anos sessenta, após o declínio do existencialismo principalmente na escola francesa.”¹⁷

Nas ciências sociais, o *estruturalismo* está ligado por um lado, ao desenvolvimento de técnicas de medida estatística e quantificação matemática e, por outro lado, ao carácter polisémico da noção de «estrutura» correlacionada com a de «sistema» e de «modelo».

Esta teoria teve um desenvolvimento importante, no âmbito da sociologia contemporânea segundo diversas perspectivas.

Um autor contemporâneo, da moderna teoria social, Anthony Giddens refere que a noção de «estruturação» é importante na pesquisa empírica das ciências sociais.

O princípio fundamental desta teoria, segundo Giddens é de que as «estruturas sociais» são em todos os momentos, o meio e o resultado das práticas sociais.¹⁸

Ainda no âmbito da análise sociológica contemporânea e tendo como referência a análise estrutural, o autor Boaventura Santos desenvolveu uma abordagem «estrutural das sociedades capitalistas», segundo a qual distinguiu quatro espaços estruturais: o *espaço doméstico*; o *espaço da produção*; o *espaço da cidadania*; e o *espaço mundial*.¹⁹

Pierre Bourdieu, foi também um autor contemporâneo que desenvolveu uma análise estrutural. Segundo este autor, os «espaços estruturais» classificam-se em *dominantes* e *dominados*, identificando-se com as classes sociais através dos mecanismos de poder económico.²⁰

Charles Darwin (1809-1882), desenvolveu uma teoria, nas ciências da natureza denominada *evolucionismo* que exerceu uma grande influência nas ciências sociais, nomeadamente na Antropologia.

No século XIX, o contexto geopolítico era totalmente novo, o período da conquista colonial teve o seu apogeu com a assinatura do Tratado de Berlim em 1885 que regulou a partilha dos territórios Africanos pelas potências europeias, pondo um fim às soberanias africanas.

O *evolucionismo antropológico* surgiu neste contexto como sendo uma abordagem das culturas e dos povos em várias

15 Segundo Dilthey, a função da filosofia consiste numa ligação íntima com as ciências do espírito, em trazer à consciência de si própria os motivos íntimos de uma cultura e, deste modo, fortalecer, nesse movimento cultural, pelo esclarecimento dos seus fins, a energia da sua vontade. Heinemann, F., 1993, *A Filosofia do Século XX*, Lisboa Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

16 Gonçalves, A., 1992, *Questões de Antropologia Social e Cultural*, Porto, Ed. Afrontamento.

17 Cf. *supra*, *idem*.

18 Giddens, A., 1995, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.

19 Santos, B., 1994, *Pela Mão de Alice, O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Ed. Afrontamento.

20 Bourdieu, P., 1996, «*Condition de classe et position de classe*», Archives Européennes de Sociologie. VII

regiões do mundo. Esta teoria inspirou-se na pré-história e na geologia por um lado, e no darwinismo e na ideologia do «progresso», por outro. Foi a primeira tentativa de sistematização da história da civilização e da cultura dos povos, através de três «estádios sucessivos»: «selvajaria», «barbárie»; e «civilização».

O evolucionismo antropológico sublinhou a existência de uma espécie humana idêntica que se desenvolveu nas suas formas técnicas, económicas, sociais e culturais, a um ritmo desigual, segundo as populações. No entanto evoluíram através das mesmas etapas, até se atingir o estado da «civilização». Procurou assim evidenciar cientificamente, o encadeamento dos estádios destas transformações.²¹

Conforme referimos, esta teoria apoiou-se na teoria da evolução de Charles Darwin. Este cientista abandonou a concepção tradicional do *fixismo*²² das espécies animais e desenvolveu o pensamento evolucionista nas ciências da natureza.

Darwin observou durante cinco anos (1831-1836) na América do Sul, atóis e recifes de corais e elaborou a teoria da evolução. Na observação dos fósseis, sendo que alguns eram completamente desconhecidos, Darwin constatou um conjunto de novos princípios que evidenciavam a cadeia evolutiva.²³

Os antropólogos evolucionistas defenderam que também o homem, passou de um fim último da natureza, para o elo da cadeia evolutiva, cujo princípio de selecção devia ser a sobrevivência do mais forte na luta pela existência.

Jean-Baptiste Lamarck desenvolveu uma teoria no século XIX segundo a qual os seres vivos se modificam, para se adaptarem às mudanças ocorridas no seu meio transmitindo às novas gerações as características adquiridas nesse processo.²⁴

Na antropologia esta teoria foi sujeita a várias críticas, devido às suas pretensões universalizantes e linearmente definidas. Posteriormente foi substituída por outras teorias, nomeadamente o *funcionalismo* e o *estruturalismo*.

A *análise funcional* desenvolveu-se a partir de 1925, com Malinowski na escola antropológica Britânica. Este autor fez uma ruptura com a teoria evolucionista dos três estádios. A *análise funcional* procurou uma articulação entre o social, o biológico e o psicológico. Esta corrente de pensamento inspirou-se no modelo das ciências da natureza e no conceito de

«função». Neste âmbito, cada cultura tem como função a satisfação das necessidades fundamentais dos indivíduos.

Mais tarde, por volta dos anos 50, esta teoria desenvolveu-se na América onde encontrou adeptos na escola de Chicago. O *funcionalismo antropológico* de Radcliffe-Brown influenciou os primeiros trabalhos dos autores Talcott Parsons e Robert Merton.

O primeiro autor desenvolveu o *estrutural funcionalismo*. Esta teoria “procura estabelecer a correspondência entre o «sistema normativo» («função» ou «solução funcional») e a «situação» ou «estrutura» ou seja, o meio ambiente, definido como um conjunto de compressões estáveis e coerentes a que se refere o sistema de acção”²⁵

Parsons, desenvolveu uma análise sobre a família americana contemporânea que classificou «família nuclear», em oposição à «família patriarcal». Esta análise constitui ainda hoje, uma referência obrigatória nos estudos sobre a família, mais particularmente no domínio da sua mudança estrutural.²⁶

Nesse sentido, o autor salientou a importância dos conceitos que sendo uma forma de aproximação à realidade empírica não encontra uma correspondência exacta com os fenómenos que estuda. Contudo são construções que procuram estabelecer uma ordem na diversidade e confusão que a realidade inicialmente apresenta.²⁷

A filosofia da segunda metade do século XIX e do século XX desenvolveu um novo domínio de análise, a Epistemologia ou Filosofia da Ciência, com Gaston Bachelard.

Algumas correntes do pensamento tais como: o *Idealismo Subjectivo* de Fichte; o *Idealismo Objectivo* de Schelling; e o *Idealismo Dialéctico* de Hegel, revelam também uma adaptação do pensamento e da filosofia às novas vivências do homem em sociedade.

A filosofia de Hegel influenciou o *materialismo histórico* de Karl Marx (1818-1883). Pensar cientificamente significa para Marx, “estar aberto à dialéctica da história, acreditar nos resultados dessa dialéctica e, desse modo acreditar na libertação do trabalhador perante a sua auto-alienação nas sociedades capitalistas”. Marx foi influenciado por Feuerbach e criticou Hegel, conservando no entanto a sua genialidade metódica. A dialéctica idealista incluindo o negativo, capta o homem real

21 Gonçalves, A., 1992, *Questões de Antropologia Social e Cultural*, Porto, Ed. Afrontamento.

22 Teoria biológica segundo a qual as espécies vivas sempre foram as mesmas e não sofreram qualquer evolução depois da sua criação. Nova Enciclopédia Larousse, vol 10, Ed. Círculo de Leitores.

23 *Nova Enciclopédia Larousse*, vol. 7, Ed. Círculo de Leitores.

24 Um outro autor, Herbert Spencer, transformou o sistema evolucionista de Darwin num sistema amplamente estruturado. Foi influenciado por Darwin, Mill e Comte. In Heinemann, 1993, *A Filosofia no Século XX*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

25 Gonçalves, A., 1992, *Questões de Antropologia Social e Cultural*, Porto, Ed. Afrontamento. E Herpin, N., 1973, *A Sociologia Americana, Escolas Problemáticas e Práticas*, Porto, ed. Afrontamento.

26 Na análise sociológica da família contemporânea podemos considerar, vários tipos de família para além da família nuclear, do tipo ocidental, tais como: família monoparental; família de acolhimento; família de adopção; e família em união de facto. A este respeito consultar, Vaz, C., 2002, *Novas Formas de Família, Uma Família à Parte ou Parte de uma Família?*, cap 5, Coimbra, Ed. Quarteto.

27 Parsons, T., 1971, *A Estrutura Social da Família*, In R. Anshen (ed.), *A Família sua Função e Destino* (265-299). Lisboa, Ed. Meridiano.

como resultado do seu trabalho. Ao considerar o movimento através dos contrários, Marx capta o movimento da própria história.

Na sua obra *Crítica da Economia Política* (1859), Marx afirmou que «não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas reciprocamente é o seu ser social que determina a sua consciência», opondo-se assim ao misticismo de Hegel que transformou factos empíricos em axiomas metafísicos.²⁸

As ideias segundo Marx são apenas «determinadas formas de consciência social». Na obra *O Capital*, ao referir-se a Hegel disse: «O ideal não é outra coisa que o material, trasladado e transformado na cabeça do homem».²⁹

Na segunda metade do século XIX, Kierkegaard (1813-1855) e Nietzsche (1844-1900) foram dois filósofos importantes. O primeiro, é considerado o criador do método de pensar *existencial*. Este, procura pensar sobre a existência concreta do homem, as decisões da sua vida, a sua acção e paixão. A vida do homem é uma luta onde ele assume as responsabilidades da sua existência, sem a ajuda de um Deus. O segundo autor, estabeleceu uma relação entre a acção humana e a paixão, através do conceito «a vontade de potência». Este conceito associa a liberdade do homem ao seu prazer para além de todos os imperativos éticos ou metafísicos «para além do bem e do mal».³⁰

Ambos, questionam o mundo contemporâneo, os seus problemas, por vezes com um discurso pessimista, duro e até implacável.

Os autores contemporâneos, das ciências sociais e da epistemologia, ou ainda de outras áreas analisam o tema da ciência segundo vários aspectos, desde as definições, tais como: o que é uma lei; uma hipótese; ou uma teoria; ou ainda, a história da ciência; as relações entre a ciência e a sociedade etc. Nesse sentido utilizam uma perspectiva crítica e interdisciplinar.

Um outro debate epistemológico contemporâneo, diz respeito aos paradigmas da *modernidade* e da *pós-modernidade*.

Alguns paradigmas que caracterizam igualmente as sociedades contemporâneas possuem, no entanto, outras designações tais como: «*sociedade da informação*»; «*sociedade do consumo*»; «*sociedade pós-industrial*»; «*pós-capitalismo*», etc.

Salientamos ainda alguns autores de referência, do

pensamento contemporâneo que desenvolveram um novo questionamento sobre o homem, a sociedade e a ciência, tais como: Popper; Foucault; Piaget; Giddens; Morin; Deleuze; Sartre; Kuhn; Freud; Habermas; Santos; Neves, etc.

A novidade neste tipo de questionamento, não se situa apenas no enfoque sobre o tema da ciência, mas também nos conceitos que elaboram e na maneira como articulam os vários processos económicos, sociais, políticos, institucionais e ambientais.

Na impossibilidade de abordarmos aqui algumas destas teorias, pois ultrapassa o âmbito deste trabalho, de uma breve reflexão sobre o pensamento contemporâneo e o desenvolvimento económico e cultural das sociedades, salientamos apenas um dos autores referidos, Anthony Giddens.³¹ Este autor faz uma análise dos modos de vida do homem moderno, tendo em conta a «era tecnológica» que vivemos actualmente. Neste âmbito, caracteriza a globalização dos processos económicos, culturais, políticos, ambientais e institucionais do homem moderno.

Esta análise sobre a *modernidade* e os processos de mudança tem, no nosso entender, a particularidade de traduzir com sucesso, a realidade social que vivemos actualmente, comparando-a com uma época tradicional ou pré-moderna.

Segundo Giddens, os modos de vida trazidos pela *modernidade* são diferentes de todos os tipos tradicionais de ordem social, tanto em *intensividade* (mudanças mais profundas), como em *extensividade* (estabelecem-se relações e interligações sociais à escala do globo).

O autor propõe-nos um olhar sobre este período da história, dos séculos XX-XXI, nas sociedades europeias e ocidentais, segundo uma tripla perspectiva: em primeiro lugar, através de uma comparação com as teorias clássicas; em segundo lugar, procurando tornar compreensível o dinamismo e o alcance globalizante das instituições modernas; e por último, a análise das descontinuidades das instituições da modernidade, relativamente às sociedades tradicionais.

Ao reformular as noções de *tempo* e de *espaço* podemos, segundo o autor compreender as actividades rotineiras da vida quotidiana do homem e a sua mudança espaço-temporal. Estas noções permitem ainda contextualizar as actividades humanas nos *contextos de presença*.

O conceito de *descontextualização* está, igualmente associado às noções de *tempo* e de *espaço*, no sentido de uma *desinserção* das relações sociais, dos contextos de interacção e, posteriormente da sua *reestruturação*.

O autor utiliza o conceito de *mecanismos de descontext-*

28 Cf. *infra*, *idem*

29 Hegel, filósofo do século XVIII-XIX (1770-1831) domina o método dialéctico, composto por três fases: *tese*, *antítese* e *síntese*. O método dialéctico de Hegel tem um cunho histórico. O seu pensamento tem um carácter libertador e vai influenciar uma geração de filósofos e pensadores do séc. XIX, entre os quais Karl Marx. Heinemann, F., 1993, *A Filosofia no século XX*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

30 Um autor de referência, do pensamento existencial é J. P. Sartre. Cf. *Supra*, *idem*.

31 Giddens, A., 1995, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Ed. Celta Editora.

tualização, para analisar a passagem das sociedades tradicionais, para as sociedades modernas. Os dois mecanismos utilizados são: os *sistemas periciais* e as *garantias simbólicas*.

Uma outra característica da época moderna ou *modernidade*, segundo Giddens consiste na necessidade que o homem tem actualmente de um controlo reflexivo sobre as suas acções. Em certas épocas da história humana e até numa época recente, os símbolos e as tradições perpetuavam ao longo das gerações, os modos de vida das sociedades que adquiriam uma grande estabilidade ao longo do tempo.

Ao analisarmos as sociedades modernas, verificamos que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas, devido ao dinamismo e mudança que apresentam.

Esta ideia é traduzida pelo autor, pela expressão *reflexividade* que subverte a ideia de estabilidade e do conhecimento certo, e introduz a ideia de instabilidade e de mudança social.

Nesta análise sobre a *modernidade*, o autor reformula algumas ideias: o conceito de história que se refere mais ao futuro do que ao passado; crítica a ideia de progresso; e apresenta preocupações ecológicas, onde os movimentos sociais têm um papel importante.

Num plano mais microssociológico, o autor refere os processos da intimidade, da interacção e dos contextos do *self*. Neste âmbito, as relações interpessoais do homem moderno têm um carácter anónimo, em vários contextos de presença: no trabalho, na escola, na família etc.³²

Os *sistemas abstractos* são os conhecimentos automatizados que o homem utiliza no seu quotidiano, através do uso das tecnologias e são incorporados nos contextos de acção, como por

exemplo: nos trajectos para o trabalho; nos horários que se estabelecem; na organização pessoal etc.

Este último conceito, está associado a outra ideia do autor, a *pericialidade* ou *sistemas periciais* que são os sistemas técnicos que o homem moderno manuseia constantemente provocando uma certa "colonização da intimidade".

Para este autor, é necessário reconhecer estes aspectos pois, quer no plano pessoal, quer ao nível das instituições, ou ainda num plano global, é necessário desenvolver uma verdadeira política de vida, em vários domínios: estético; ético; ecológico; e dos direitos humanos.

As ciências sociais, nomeadamente a sociologia têm actualmente, um papel muito importante a desempenhar no

diagnóstico da *modernidade* e em vários domínios, contribuindo desta forma para uma compreensão dos fenómenos sociais contemporâneos.

A disciplina de Introdução ao Pensamento Contemporâneo, é leccionada em todos os cursos da Universidade Lusófona, com "Razões e Finalidades" próprias, onde destacamos a primeira "Razão e Finalidade Humanista-Cultural", ou seja, de permitir aos seus alunos um conhecimento que contribui não só para a sua cultura, mas também para a sua vida futura³³

Para terminar, fazemos referência à ciência do Direito que nas sociedades modernas é um dos pilares fundamentais do desenvolvimento. Referimos a este respeito, em gesto de simples Homenagem, um Ilustre Investigador desta Ciência, Alexandre Pessoa Vaz que defendeu uma maior abertura do Direito às Ciências Sociais, nomeadamente à Sociologia, com vista a uma melhor compreensão dos fenómenos jurídicos e, até no plano mais vasto das reformas.

"Quer dizer que, com esta tão vincada e comum alusão à "integração do Direito e das Ciências Sociais" ou à abertura de docentes e estudantes para o estudo das "disciplinas próximas" da ciência do Direito — Sociologia, Direito Comparado, e Filosofia do Direito que envolve o reconhecimento da relevância do político, do social, do ético e do filosófico na determinação do conceito de Direito e da sua "reforma no futuro" — e com a sua também comum referência à importância e responsabilidade da função crítica dos juristas em face do Direito existente, para a preparação do Direito renovado das sociedades futuras".³⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P., 1996, «Condition de Classe et Position de Classe», Archives Européennes de Sociologie, VII.
- COMTE, A., 1990, *Reorganizar a Sociedade*, Lisboa, Guimarães Editores.
- GIDDENS, A., 1995, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- GOFFMAN, E., 1959, *The Presentation of Self in Everyday Life*, Anchor Book.
- GONÇALVES, A., 1992, *Questões de Antropologia Social e Cultural*, Porto Ed. Afrontamento.
- HEINEMANN, F., 1993, *A Filosofia do Século XX*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- HERPIN, N., 1973, *A Sociologia Americana, Escolas Problemáticas e Práticas*, Porto, Ed. Afrontamento.
- LIMA, A., 1987, *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Editorial Presença.

³² O autor Erving Goffman, da Escola Americana de Chicago, da corrente do Interaccionismo Simbólico analisa as relações interpessoais do homem moderno, nas suas interacções face a face, através do conceito de *representação social*. Goffman, E., 1959, *The Presentation of Self in Everyday Life*, Anchor Book. A tradução brasileira desta obra tem o título «A Representação do Eu na Vida Quotidiana», Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.

³³ Neves, F., 1999, *Introdução ao Pensamento Contemporâneo, Razões e Finalidades*, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas.

³⁴ Vaz, A., 2002, *Direito Processual Civil, Do Antigo ao Novo Código, Novas Tecnologias ao Serviço da Justiça*, Coimbra, Almedina.

- NEVES, F., 1992, (Org.), *O Lugar e o Papel das Ciências Sociais e Humanas na «Modernização», na «Integração Europeia», e na «Cooperação Africana» de Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas.
- NEVES, F., 1999, *Introdução ao Pensamento Contemporâneo*, Razões e Finalidades, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas.
- PARSONS, T., 1971, *A Estrutura Social da Família*, in R. Anshen (ed.), *A Família sua Função e Destino* (265-299), Lisboa, Ed. Meridiano.
- SANTOS, B., 1994, *Pela Mão de Alice, O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Ed. Afrontamento.
- VAZ, A., 2002, *Direito Processual Civil, Do Antigo ao Novo Código, Novas Tecnologias ao Serviço da Justiça*, Coimbra, Almedina, 2ª Ed.
- VAZ, C., 2002, *Novas Formas de Família, Uma Família à Parte ou Parte de uma Família?* Cap. 5, Coimbra, Ed. Quarteto.
- NOVA ENCICLOPÉDIA LAROUSSE, Vols., 7,8,11, 1996, Ed. Círculo de Leitores.